

DECLARAÇÃO DO PARTIDO
COMUNISTA PORTUGUÊS
SOBRE A SITUAÇÃO NA
CHECOSLOVÁQUIA

Setembro de 1968

DECLARAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS SOBRE A SITUAÇÃO NA

CHECOSLOVÁQUIA

Ao expor a sua apreciação da situação na Checoslováquia, ao considerar que existiam perigos reais para o regime socialista na Checoslováquia e que a intervenção na URSS e outros países socialistas se tornou necessária, o Partido Comunista Português esforça-se por cumprir, não só os seus deveres para com a classe operária e o povo de Portugal, como também os seus deveres internacionalistas para com o movimento comunista internacional, para com o campo socialista, para com o Partido Comunista da Checoslováquia ao qual nos ligam velhos laços de amizade sincera e fraternal, que deseja não só manter como reforçar.

1. Durante quase 20 anos, o Partido Comunista e os trabalhadores da Checoslováquia, em cooperação estreita com a URSS e os outros países socialistas, alcançaram grandes êxitos na construção do socialismo no seu país. A eliminação da exploração capitalista, profundas reformas sociais, a elevação do nível de vida material e cultural dos trabalhadores, a defesa da independência nacional face às ameaças imperialistas, criaram uma nova sociedade, justo motivo de orgulho da classe operária e dos comunistas da Checoslováquia. Só o inimigo de classe pode estar interessado em esquecer, ignorar ou denegrir esses êxitos históricos e em apresentar um balanço negativo de vinte anos de regime socialista na Checoslováquia.

Entretanto, erros graves foram cometidos na vida interna do Partido, verificaram-se violações da legalidade socialista, registaram-se erros na política económica, na solução da questão nacional, na acção ideológica. A evolução ulterior da situação só por si é disso um testemunho revelador. Se alguma coisa há a criticar é que tenham sido tão tardias decisões no sentido de corrigir os métodos burocráticos e administrativos que se tinham instalado na vida do Partido e do Estado, enfraquecido os laços da Direcção com o Partido e do Partido com as massas populares, criando dificuldades económicas e políticas à República Socialista da Checoslováquia.

Os comunistas portugueses, que durante vinte anos acompanharam e saudaram com alegria os êxitos do Partido Comunista e do Povo da Checoslováquia na construção do socialismo, consideraram de forma positiva resoluções tomadas pelo Partido Comunista da Checoslováquia em 1967 e no pleno do seu Comité Central realizado em Janeiro de 1968 para corrigir tais erros, democratizar a vida do Partido e do Estado e fazer frente a os problemas de ordem económica e ideológica que entravavam o desenvolvimento da sociedade socialista.

2. Infelizmente, na correcção dos erros cometidos, foram manifestamente menosprezadas as forças reaccionárias no interior e a actividade de sapa do imperialismo. Uma "democratização" compreendida fora dum espírito de classe, abriu amplamente as portas à activação das forças anti-socialistas e contra-revolucionárias assim como às ingerências do imperialismo.

Num momento de crise do Partido, em que a correcção de erros graves exigia o reforço do papel dirigente da classe operária, a iniciativa política determinante do Partido Comunista, a acção ideológica, a mobilização das massas para a realização das urgentes tarefas da construção do socialismo e na luta contra os elementos anti-socialistas e contra-revolucionários que inevitavelmente procurariam aproveitar a conjuntura, a política seguida e a sua aplicação prática abriram fundas brechas nas linhas de defesa do Estado Socialista.

Na prática, o Partido condenou-se a uma posição defensiva ante o recrudescimento da acção dos elementos anti-socialistas. Foi permitido que, em problemas fundamentais da política interna e externa, a iniciativa política passasse para as mãos dos intelectuais, estudantes e sectores não operários largamente influenciados pela ideologia burguesa.

A coberto do reconhecimento da liberdade de opinião e da abolição da censura, os meios de propaganda de massas foram abandonados a elementos anti-socialistas e direitistas, que os utilizaram largamente para pôr em causa o papel dirigente da classe operária e do seu Partido, desacreditarem os comunistas, contestarem a legitimidade da sua direcção na sociedade socialista, desorientarem a opinião pública, insuflarem sentimentos nacionalistas, levantarem amplos sectores da população contra os países aliados e em primeiro lugar contra a União Soviética.

A coberto do reconhecimento do direito de organização, permitiu-se a actividade de grupos e associações, alguns dos quais directamente ligados a emigrados contra-revolucionários no estrangeiro e a organizações e a agentes do imperialismo.

Sob a pressão da ofensiva das forças anti-socialistas, a liberdade estava a ser compreendida como a liberdade para contestar de facto, declaradamente ou não, o socialismo na Checoslováquia, contestar a sua permanência no campo socialista, a sua aliança com a URSS e demais países socialistas. Ao mesmo tempo aqueles que apontavam os perigos do novo curso político e defendiam a manutenção, não apenas nas palavras, mas nas decisões, da cooperação e aliança com a URSS e outros países socialistas como garantia capital do socialismo e da independência nacional, viam ser-lhes recusada essa mesma liberdade, eram impunemente caluniados, quando não afastados por pressão de campanhas públicas, de cargos que ocupavam tanto no Partido como no aparelho do Estado.

A actividade dos elementos anti-socialistas e contra-revolucionários estava a ser largamente facilitada por tendências direitistas, no próprio Partido, conducentes objectivamente à abdicação do papel dirigente da classe operária e do seu Partido e à quebra da cooperação e da unidade no domínio militar, diplomático, económico e político com a URSS e outros países socialistas.

Elementos anti-socialistas apoiavam a política de democratização da nova direcção, declaravam a sua fidelidade ao socialismo, pediam mesmo a sua adesão ao Partido Comunista, não porque desejassem consolidar o socialismo na Checoslováquia, mas apenas porque tal política ofereceria perspectivas novas à contra-revolução. Muitos comunistas tanto na Checoslováquia como no estrangeiro, se iludiram acerca do significado desses novos, suspeitos e calculados apoios à política de democratização do Partido Comunista da Checoslováquia.

O Partido perdia de forma crescente o contróle dos acontecimentos e encarava medidas que viriam a acentuar o desenvolvimento dum processo de enfraquecimento das forças socialistas e a entrega de novas posições aos elementos reaccionários.

Segundo a nossa apreciação, o prosseguimento da política que estava a ser seguida punha em sério risco as conquistas socialistas na Checoslováquia, abria caminho à contra-revolução, ameaçava separar a Checoslováquia da comunidade socialista. Numa região de interesse estratégico vital, avolumava-se assim também uma séria ameaça para a defesa do campo socialista, a possibilidade duma alteração desfavorável da correlação de forças na Europa e os consequentes perigos para a Paz mundial.

...///...

3. Ao longo de muitos meses, o Partido Comunista da União Soviética e outros partidos irmãos chamaram fraternalmente a atenção da direcção do Partido Comunista da Checoslováquia para a perigosa evolução dos acontecimentos. A verdade é que não foram tomadas medidas de ordem prática correspondentes aos perigos que se avolumavam. Já numa fase particularmente aguda da situação, os acordos de Bratislava de 3 de Agosto davam base suficiente para a solução da crise. Verificou-se porém no imediato que a situação se continuava deteriorando, sem que os comunistas checoslovacos dessem resposta adequada aos inimigos do socialismo, antes lhes consentindo novas iniciativas dirigidas contra o regime socialista e contra a cooperação, a unidade e a aliança com os outros países socialistas. Após a intervenção militar dos cinco países socialistas das conversações realizadas em Moscovo em 26 de Agosto entre o Partido Comunista da

União Soviética e o Partido Comunista da Checoslováquia resultaram novos e positivos acordos. Porém os acordos de Moscovo não resolveram tudo, a crise não foi totalmente vencida e a sua superação depende em parte decisiva da compreensão das suas causas e natureza.

Persistem ainda factores inquietantes, o principal dos quais, a nosso ver, é o não reconhecimento aberto, corajoso e autocrítico dos perigos internos que comportava o curso político anterior e a não adopção correspondente de medidas à altura da gravidade da situação. Temos por certo que tal atitude, a persistir, não poderá deixar de tornar mais lenta a consolidação do regime socialista na Checoslováquia baseada nas suas forças internas.

...///...

4. Partidos irmãos que apoiaram e estimularam o prosseguimento dum processo que implicava tão grandes perigos de ordem interna e internacional poderiam ter dado uma contribuição positiva, se tivessem ajuizado da situação em toda a sua complexidade, se tivessem advertido fraternalmente os camaradas checoslovacos tanto dos resultados a que conduziria a sua política, como da necessidade imperiosa de, em cooperação estreita com a União Soviética e demais países do Tratado de Varsóvia, enfrentarem decididamente as forças anti-socialistas no interior e garantirem a segurança da Checoslováquia e da comunidade socialista. Longe de ajudarem o Partido Comunista da Checoslováquia, mais empurraram os elementos direitistas para actividades aventureiristas, reforçando assim as esperanças das forças contra-revolucionárias.

A insistência numa tal apreciação e posição já depois da intervenção dos cinco países socialistas e dos acordos de Moscovo, não ajuda o Partido Comunista da Checoslováquia à adopção da política mais em correspondência com a real situação existente e é mesmo susceptível de atrasar o ritmo da normalização, que tem de significar necessariamente a derrota efectiva, e não apenas o recuo táctico, das forças anti-socialistas e contra-revolucionárias na Checoslováquia.

...///...

5. Tanto antes como depois da intervenção militar, o imperialismo e a reacção internacional, aplaudiram as posições e actividade da nova direcção do Partido Comunista da Checoslováquia, afirmaram que o socialismo não estava em perigo, manifestaram grande entusiasmo pela suposta criação dum novo tipo de estado socialista. À vigilância de muitos partidos (a começar pelo Partido Comunista da Checoslováquia) escaparam as profundas razões dos elogios do imperialismo e da reacção.

É por demais evidente que, para essas forças, não se tratava nem se trata de apoiar o socialismo, mas de apoiar e estimular uma política que lhes dava esperanças de separar a Checoslováquia do campo socialista, de enfraquecer a sua cooperação e defesa, de restaurar o capitalismo na Checoslováquia.

A opinião pública portuguesa foi sujeita a uma intensa campanha de desinformação conduzida por todos os meios de propaganda. Procurando esclarecer rapidamente o povo português, logo após a intervenção dos cinco países socialistas, a Comissão Executiva do Comité Central publicou, no dia 23 de Agosto, um documento expondo a evolução da situação na Checoslováquia, os perigos para o socialismo e para a segurança do campo socialista resultantes da política que estava a ser seguida e considerando justificada a intervenção.

Os membros do Partido e a classe operária portuguesa reagiram contra a propaganda fascista e reaccionária e mostraram imediatamente compreender o fundo do problema: que o objectivo da intervenção da União Soviética e dos outros países socialistas era a consolidação do poder dos trabalhadores e do regime socialista da Checoslováquia, a ajuda efectiva embora em dramáticas condições ao Partido Comunista da Checoslováquia, a defesa da comunidade socialista contra a acção das forças da contra-revolução e contra o imperialismo. O Comité Central do Partido Comunista Português verifica com satis

façam essa prova de consciência política, espírito de classe e instinto revolucionário dos membros do Partido e da classe operária.

...///...

6. Em torno dos acontecimentos da Checoslováquia, o princípio da soberania tem sido por alguns considerado de forma abstracta e exclusivamente jurídica, fora dum ponto de vista de classe e internacionalista.

A existência do campo socialista, travando uma luta de vida ou de morte contra o imperialismo, impõe deveres novos de cooperação, ajuda reciproca e solidariedade aos seus componentes.

Na opinião do Partido Comunista Português, o perigo real da contra-revolução e da restauração do capitalismo num país socialista pode não só justificar como impôr, por muito trágica e dolorosa que seja a intervenção dos outros países socialistas em defesa das conquistas do socialismo nesse país e dos interesses, da segurança, da defesa da comunidade socialista. Além dos deveres de solidariedade existentes no movimento comunista internacional no seu conjunto, têm de considerar-se deveres específicos e reciprocos dos partidos comunistas que estão no poder, ou seja a solidariedade activa entre os países socialistas como base do prosseguimento dos seus êxitos e garantia da sua defesa.

No movimento comunista internacional discute-se se a deterioração da situação na Checoslováquia tinha chegado a um ponto em que já não era possível uma solução política em que a Direcção do Partido Comunista da Checoslováquia, ajudada pelos partidos irmãos, tomasse medidas que dispensassem a intervenção de outros países socialistas.

Poderão discutir-se alguns aspectos parcelares da política que antecedeu e acompanhou a intervenção.

Poderão discutir-se, e seria desejável que se discutissem ulteriormente, as causas mais profundas que estão na origem da deterioração da situação política na Checoslováquia.

Mas o Partido Comunista Português entende que os marxistas-leninistas não podem contestar em princípio a legitimidade revolucionária de uma intervenção de países socialistas noutros países socialistas a fim de defenderem as conquistas do socialismo, impedirem a contra-revolução, assegurando ao mesmo tempo a defesa do campo socialista no seu conjunto.

...///...

7. A intervenção militar de cinco países socialistas na Checoslováquia levanta sem dúvida problemas novos ao movimento comunista e, em primeiro lugar, aos próprios países socialistas. Impõe a reelaboração, ou pelo menos uma clarificação, dos termos das relações entre os países socialistas e entre partidos irmãos. No imediato acentua divergências no movimento comunista. O imperialismo e a reacção mundial, os inimigos do comunismo, utilizam e utilizarão largamente os acontecimentos na Checoslováquia para desorientarem as massas, fazerem duvidar dos ideais do comunismo, desenvolverem uma histórica campanha contra o país que continua sendo o maior baluarte das forças revolucionárias de todo o mundo - a União Soviética - fomentar divisões no campo socialista, afastarem do campo socialista os partidos comunistas, criarem em cada país novas dificuldades e tentarem o seu isolamento. A tarefa dos comunistas não é porém tomar uma atitude sentimental e subjectivista, antes procurar na base duma análise aprofundada de acontecimentos capitais, extrair destes as experiências e ensinamentos que melhor garantam o prosseguimento vitorioso do processo revolucionário.

Alguns daqueles que condenam a intervenção não deixariam talvez de censurar que ele não tivesse tido lugar, se a situação se degradasse completamente ante a passividade da URSS e de outros países socialistas.

Da intervenção resultaram dificuldades. Mas admitindo, como a nosso ver os factos

demonstram, que o prosseguimento do curso político que se estava verificando na Checoslováquia punha em perigo o regime socialista, a segurança do campo socialista e a mais largo prazo a própria independência nacional da Checoslováquia, então a história fará finalmente reconhecer pelos comunistas de todo o mundo a legitimidade duma iniciativa que terá impedido em definitivo que a classe operária e o Partido Comunista da Checoslováquia acabassem por ser desalojados do poder, e a perda da Checoslováquia socialista. Este facto teria consequências negativas para a luta mundial contra o imperialismo, para a luta pela democracia, pela liberdade, pela independência das nações, pela paz mundial, pelo comunismo, incomparavelmente mais graves.

...///...

8. Confiamos em que aqueles comunistas e trabalhadores da Checoslováquia, que hoje adoptam uma posição condenatória em relação à intervenção dos cinco países socialistas acabarão por compreender que se tratou duma acção decisiva dos seus melhores amigos e aliados para a defesa das conquistas do socialismo, da liberdade do povo trabalhador, da acção dirigente e determinante do Partido da classe operária, da independência nacional da Checoslováquia.

Confiamos em que os comunistas, a classe operária e o povo da Checoslováquia farão decididamente frente às forças contra-revolucionárias, saberão defender as conquistas do socialismo, saberão reforçar os laços de amizade e cooperação com a União Soviética e outros países socialistas, na defesa do regime socialista e da independência nacional, contra os únicos e verdadeiros inimigos - as forças reaccionárias do interior e o imperialismo.

Acerca da presença de forças armadas aliadas na Checoslováquia, à qual nenhuma razão de princípio se opõe, desejamos profundamente que os dirigentes da Checoslováquia, da URSS e de outros países socialistas, determinem de comum acordo os seus termos e prazos de harmonia com os interesses do socialismo, da defesa da comunidade socialista, da independência nacional da Checoslováquia, contra as ameaças do imperialismo.

...///...

9. Os problemas postos transcendem largamente a situação na Checoslováquia.

A evolução da situação na Checoslováquia e numerosas apreciações sobre ela mostram que no movimento comunista a incidência na luta contra o esquerdismo levou a abrandar a vigilância em relação aos perigos do oportunismo de direita e do revisionismo. Mostra os perigos que comporta o afastamento dos ensinamentos do marxismo-leninismo sobre a luta de classes, sobre o Estado e a Revolução, sobre a ditadura do proletariado sobre o papel dirigente da classe operária e do seu Partido na revolução socialista e na construção do socialismo. Mostram o perigo do desenvolvimento de tendências nacionalistas contrapondo-se ao internacionalismo proletário e das tendências para o separatismo em relação ao movimento comunista internacional.

O Partido Comunista Português defende, como normas basilares das relações entre partidos irmãos, o princípio da independência, igualdade e soberania dos partidos e da não ingerência de uns nas questões internas de outros. Sublinha ao mesmo tempo que se não pode aceitar que a independência dos partidos possa ser utilizada contra as conquistas do socialismo, contra a unidade do campo socialista e do movimento comunista. A soberania dos partidos marxistas-leninistas não pode ser entendida como o direito de considerarem os interesses próprios como alheios aos interesses comuns do movimento comunista e esquecerem os seus deveres de internacionalistas.

Os acontecimentos da Checoslováquia indicam a necessidade do exame colectivo aprofundado de todos os problemas de interesse comum, dum corajoso esforço conjunto para reforçar a unidade ideológica do movimento comunista na base do marxismo-leninismo.

...///...

Tal posição do Partido Comunista Português, tomada com profundo convencimento e sentido de responsabilidade - que não exclui a permanente prontidão para reexaminar pro

blemas, confrontar opiniões, corrigir ideias e aprender com a vida.

O facto de que existem entre os partidos comunistas grandes divergências na apreciação dos acontecimentos da Checoslováquia tornará inevitável, em momento adequado, um confronto de pontos de vista. Essas divergências podem e devem ser superadas, não se deixando que cristalizem opiniões irredutíveis, antes procurando em conjunto aclarar juízos e chegar a conclusões comuns. Os acontecimentos na Checoslováquia e o esforço do imperialismo para os aproveitar em seu benefício, mais impõem aos partidos comunistas um trabalho aturado para superar as divergências existentes. Confiamos pela nossa parte em que essa tarefa será realizada com êxito, apesar das dificuldades actuais.

As exigências da luta contra o inimigo comum - o imperialismo e a reacção - tornarão possível, estamos certos, superar as actuais dificuldades no movimento comunista internacional, reforçar entre os partidos irmãos a cooperação fraternal e a solidariedade activa baseados nos princípios do internacionalismo proletário.

Pelo trabalho criador da classe operária e do povo da Checoslováquia, pela ajuda da União Soviética e outros países socialistas, pelo apoio dos comunistas de todo o mundo - a República Socialista da Checoslováquia, dirigida pelo seu Partido Comunista, prosseguirá o seu caminho luminoso para o Comunismo.

Setembro de 1968

O COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS